

O CASO DAS REPETIÇÕES EM UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO DE “ANTINOUS”, DE FERNANDO PESSOA

CARLOS AZZOLIN¹;
JULIANA STEIL²

¹UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – azzolinbc@gmail.com

²UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – julianasteil@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de tradução propõe uma leitura da poesia do então jovem Fernando Pessoa (1888-1935), que, por volta de 1918 escrevia em inglês. Pessoa publicou “Antinous” (PESSOA, 1921) pela primeira vez em 1918, mas seguiu trabalhando nele por quatro anos, até que o poema revisado foi incluído em uma coletânea de textos de sua autoria, publicada em 1921, e intitulada *English Poems I-II* e *English Poems III* (PESSOA, 1921).

De acordo com o *Times Literary Supplement*, como mostra ZENITH (PESSOA, 2006, p. 18), no mesmo ano da publicação de *Antinous* (1918), o livro *35 Sonnets* (1918) de Pessoa recebeu comentários sobre seu “inglês elisabetano”, em função de usos muito ao estilo de Shakespeare e de métricas do mesmo período. O tradutor Richard Zenith, em *A Little Larger Than the Entire Universe* (PESSOA, 2006), realça a carência poética de uma língua materna no escrever de Pessoa em inglês. Este aspecto informa o caráter geral da composição de “Antinous”. A repetição de palavras, entretanto, são objeto do presente estudo, considerando que são também um elemento importante no caso da tradução deste poema para a língua portuguesa.

“Antinous” é um poema narrativo erótico de 361 versos. Ele trata da lamentação do imperador Adriano quanto à repentina morte do jovem Antínoo, protagonista do elóquio. Adriano eventualmente eterniza o legado de seu amor através de estátuas com o nome de seu amante.

Embora seja, para muitos, o maior escritor de poesia em língua portuguesa, e um dos mais importantes escritores do século XX, Fernando Pessoa ainda tem obras pouco discutidas no Brasil, como é o caso do poema “Antinous”. Com base na abordagem de tradução poética proposta por Britto (2017), este trabalho procura contribuir para a crítica e a prática da tradução da poesia inglesa de Pessoa.

2. METODOLOGIA

Para BRITTO (2017, p. 226), “A tarefa do tradutor de poesia será, pois, a de recriar, utilizando os recursos da língua-meta, os efeitos de sentido e forma do original ou, ao menos, uma boa parte deles”. A tarefa de um tradutor de poesia, nesse sentido, envolve a escolha e a recriação de recursos poéticos na língua alvo.

Antes da tradução propriamente dita do poema, foi realizado, na etapa do projeto à qual se refere este trabalho, um estudo de “Antinous” no contexto da obra completa de Pessoa. Em seguida, nas releituras do poema, foi feita a identificação de seus elementos poéticos mais relevantes. A partir daí, então, realizou-se a tradução, para a língua portuguesa, do excerto inicial do poema (primeiras dez estrofes). No momento, esta tradução se encontra em fase de revisão. Além disso, estão sendo estudadas as traduções anteriores do poema em língua portuguesa (a tradução de Jorge de Sena, de 1974 [PESSOA, 1974]; a tradução de Luís Nogueira,

de 1988 [PESSOA, 1988]), o que deve auxiliar na escrita do comentário crítico, última fase deste estudo, atualmente em preparação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos elementos importantes na poética de “Antinous” são as repetições frequentes de algumas palavras, sendo este o modo que Pessoa teve de, a partir da construção das estrofes, intensificar certas imagens e sentimentos. Eis alguns excertos e suas respectivas traduções, seguidos de alguns comentários:

*Now will his hands behind his head no more
Linked, in that posture giving all but hands,
On the projected body hands implore.*
(PESSOA, 1921, p. 6, grifo nosso)

Agora, à nuca, suas mãos não mais em nó
Na postura a qual, além das mãos, tudo se dava
Ao corpo ereto, que às mãos implorava dó.
(tradução de AZZOLIN, em fase de elaboração)

Neste excerto nota-se a imagética erótica e corporal, reforçada a partir da repetição de “hands”, que, além de colaborar para a conotação sexual da passagem, busca instaurar o sentimento de perda e nostalgia. Considerou-se importante refazer desta repetição, como visto no excerto traduzido.

Há casos onde a tradução não foi capaz de refazer determinadas repetições em todas as suas ocorrências, mas se fez questão de refazê-las parcialmente, como neste caso:

*Now were his arms dead leaves, now iron bands;
Now were his lips cups, now the things that sip*
(PESSOA, 1921, p. 9, grifo nosso)

Agora, folhas mortas, seus braços, em aço;
Agora, um copo, sua boca, coisa sugada
(tradução de AZZOLIN, em fase de elaboração)

Nesse sentido, duas das quatro ocorrências da palavra “now” tiveram de ser suprimidas na tradução, para que os versos se adequassem à métrica utilizada. No verso seguinte, contudo, há mais uma repetição que fora solucionada na tradução por meio da proposta de uma repetição sonora:

*Now were his eyes **too** closed and now **too** looking;*
(PESSOA, 1921, p. 9, grifo nosso)

Agora, de olhos **tão** fechados e **então** abrindo;
(tradução de AZZOLIN, em fase de elaboração)

Embora nem todas as repetições tenham sido recriadas no poema traduzido, pode-se afirmar que a intensidade emocional que a repetição traz ao original, expressando a imagética de aflição do eu-lírico, foi refeita com relativo sucesso na língua de chegada.

4. CONCLUSÕES

O comentário apresentado ilustra o desafio da tarefa da tradução de poesia, que, na busca de um novo poema na língua alvo, sempre envolve negociações, perdas e ganhos.

Esta tradução ainda se vê em estado de aprimoramento, e, no momento atual, o projeto proposto chega à décima estrofe do poema. Nesse sentido, muitas estratégias ainda podem ser repensadas e novas soluções virão a ser discutidas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PESSOA, F. **English poems I-II**. Lisboa: Olisipo, 1921.
- ZENITH, R. **A little larger than the entire universe**. Selected Poems. Toronto: Penguin Books, 2006.
- BRITTO, P. H. Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia. **Eutomia**, Rio de Janeiro, v.1 , n.20, p. 226 - 216, 2017.
- Pessoa, F. **Antínoo**. Tradução de Jorge de Sena. Lisboa: Ática, 1974.
- Pessoa, F. **Antínoo**. Tradução de Luís Nogueira. Lisboa: Fenda, 1988.